

“A praga dos catimbós em Fortaleza” e a legitimação do Espiritismo no campo religioso cearense

Marcos José Diniz Silva ¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i28.35070>

Resumo: Objetiva-se a análise das denúncias e condenações às práticas religiosas de origem afro-brasileiras denominadas de catimbós, na cidade de Fortaleza, a partir do final da década de 1920, através de uma série de matérias publicadas nos jornais *O Ceará*, *O Povo* e *Gazeta de Notícias* que, simultaneamente, desenvolviam campanha de valorização do Espiritismo. A perspectiva analítica assenta-se na percepção de que os ataques às práticas catimbozeiras, além de permeadas pelo discurso da ordem e saúde públicas no ideal da urbanidade e civilização, constituíam-se parte das disputas específicas de agentes comprometidos com a difusão e legitimação do Espiritismo no campo religioso local.

Palavras-chave: Catimbó, espiritismo, imprensa, religião

"The plague of the catimbós in Fortaleza" and the legitimation of Spiritism in the religious field of Ceará

Abstract: The objective of this study is to analyze the denunciations and condemnations of Afro-Brazilian religious practices known as catimbós, in the city of Fortaleza, from the end of the 1920s, through a series of articles published in the newspapers *O Ceará*, *O Povo* e *Gazeta de Notícias*, which simultaneously developed a campaign to value Spiritism. The analytical perspective is based on the perception that the attacks on catimbozeiras practices, as well as permeated by the discourse of order and public health in the ideal of urbanity and civilization, were part of the specific disputes of agents committed to the diffusion and legitimation of Spiritism In the local religious field.

Keywords: Catimbó, spiritism, press, religion

"La plaga de catimbós en Fortaleza" y la legitimación del espiritismo en el campo religioso Ceará

Resumen: El objetivo es analizar las quejas y convicciones prácticas religiosas de origen africano-brasileño catimbós nombrados en la ciudad de Fortaleza, a partir de finales de la década de 1920, a través de una serie de artículos publicados en los periódicos *El Ceará*, *El Pueblo* y *Noticias Gazette* que al mismo tiempo se desarrollaron campaña de agradecimiento espiritismo. El enfoque analítico se basa en la constatación de que los

¹ Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará/CH - UECE. Professor do Mestrado Acadêmico em História – MAHIS/UECE. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, 2009. E-mail: marcos.diniz@uece.br.

ataques contra las prácticas catimbozeiras, y permeado por el discurso de orden y de la salud pública en el ideal de la cortesía y de la civilización, fueron parte de los agentes específicos de disputa comprometido con la difusión y legitimación del Espiritismo el campo religioso local.

Palabras clave: Catimbó, el espiritismo, la prensa, la religión

Recebido em 30/02/2017 - Aprovado em 20/04/2017

1. Introdução: Percursos do Catimbó e campo religioso

Em estudo pioneiro sobre o Catimbó nordestino, publicado no início da década de 1950, Câmara Cascudo não apenas procurava definir o que vinha a ser o Catimbó, como defendia o mesmo enquanto uma forma de magia sincrética dos remanescentes indígenas brasileiros, com elementos africanos, que guardava suas origens profundas na magia ou “feitiçaria europeia” (CASCUDO, 1978, p.19). Ou, como definiria anos depois em outra obra: “Catimbó não é sinônimo de candomblé, macumba, xangô, grupo de Umbanda, casa de mina, tambor de crioulo, etc. É uma presença da velha feitiçaria, deturpada, diluída, misturada, bastarda, mas reconhecível e perfeitamente identificável. (CASCUDO, 1999, p. 257-258). Contudo, o que se pretende nesse trabalho, inicialmente, é chamar a atenção para uma constante nos estudos sobre essa prática religiosa sincrética, tipicamente nordestina, em que tem predominado a ausência de referências sobre suas manifestações em território cearense a despeito de sua presença empiricamente comprovada.

A começar pelo próprio Cascudo (1978), que dedica seu estudo ao Catimbó do Rio Grande do Norte, considerando-o diverso dos candomblés da Bahia e Macumbas do Rio; admitindo, porém, suas relações com a pajelança amazônica, os xangôs do Recife e Maceió, as muambas, canjerês, feitiços. Também o Maranhão e o Pará são fontes dessa prática, referendados pelo autor. Afirma, então, que “Há o mesmo por todos esses estados do Nordeste e Norte do Brasil” (CASCUDO, 1978, p.26). Mesmo assim, o Ceará não aparece nesse estudo e não se verá, daí por diante, referências acadêmicas sobre a existência do Catimbó como parte da religiosidade cearense.

Diversos outros trabalhos têm sido produzidos nos últimos anos sobre o Catimbó, situados em estados como Paraíba, Pernambuco, Alagoas, com enfoques majoritariamente antropológicos (Cf. ASSUNÇÃO, 2004; SALLES, 2010; GONÇALVES, 2012). Mantendo a linha das abordagens antropológicas, Motta (2006), traz interessante estudo comparativo sobre o transe no Candomblé, Xangô e Catimbó, entretanto, no tocante à questão da distribuição geográfica do Catimbó, mantém a perspectiva cascudiana, afirmando: “O catimbó (sob este nome ou sob o de Jurema)

encontra-se no Nordeste do Brasil, entre os Estados de Alagoas e do Rio Grande do Norte” (MOTTA, 2006, p. 105).

Do ponto de vista historiográfico, é relevante o trabalho de crítica histórica de Albuquerque Júnior (2010), sobre a citada obra de Câmara Cascudo, Meleagro (CASCUDO, 1978), oferecendo uma análise de desconstrução da tese do autor potiguar, de que o Catimbó é herança da cultura branca europeia, mesclada à cultura índia e afro-brasileira, condição que levaria o crítico um “branqueamento” socialmente legitimador dessa prática religiosa e, sobretudo, a sua desafricanização.

Assim, pareceu resolvida a questão da localização das manifestações do Catimbó nordestino. Todavia, embora não se negue que nos referidos estados da federação citados, essas manifestações da religiosidade popular tenham adquiridos raízes mais profundas e uma complexidade ritual mais desenvolvida, haja vista as descrições de Cascudo (1978) referentes ao Rio Grande do Norte; tal estado dos estudos sobre o tema não pode fazer omitir casos de ocorrências de tais manifestações em outros espaços do território nordestino que tradicionalmente não são considerados como lócus das raízes culturais africanas – um dos fortes elementos constitutivos dessas práticas –, ao lado das sobrevivências dos elementos dos rituais e da magia indígena. Talvez, nesse caso, o Ceará venha a ser, como se demonstrará adiante, um lugar onde o Catimbó tenha se manifestado ao longo da primeira metade do século XX, e tenha sido eficazmente reprimido por diversos agentes e interesses, especialmente religiosos, a ponto de consumir-se sua ausência no quadro cultural local, legitimado pela inexistência de pesquisas ou preocupação acadêmica específica até o momento.

Tornar visíveis as manifestações catimbozeiras no Ceará nas décadas de 1920 e 1930, a partir dos relatos da imprensa local de caráter condenatórios, apresenta a dupla vantagem da explicitação daquelas práticas e seus agentes, como também a percepção dos grupos religiosos locais interessados em seu extermínio que, sob a alarmante preocupação com a ordem e saúde públicas, revelam as tramas discursivas que alimentavam as disputas do campo religioso local.

Embora se considere que a presença da cultura negra no Ceará seja de menor monta em comparação com outros estados do Nordeste, há que se considerar a introdução de elementos de cultura religiosa sincrética com as intensas migrações resultantes das secas, que a capital cearense recebeu desde a década de 1870; as migrações cíclicas dos cearenses para a região amazônica e seus intercâmbios, além da sobrevivência de considerável estoque étnico e cultural indígena na formação do povo cearense, especialmente na sua área litorânea. (Cf. RATTS, 2009)

Assim, as preocupações acadêmicas com a temática do Catimbó no Ceará têm sido apresentadas em ligeiras referências, em alguns trabalhos. No âmbito próprio das

religiões, o Catimbó aparece no estudo de caráter antropológico de Pordeus (2002), sobre a Umbanda cearense, quando o autor ressalta, em tom genérico, o trabalho histórico de repressão às religiosidades de índios e negros no Ceará, empreendidos pela Igreja Católica e pelo Estado, como manifestações de heresia, superstição e charlatanismo, desde o período colonial. Assim, “Até meados do século XX, essas religiões eram caso de polícia, fosse o Catimbó, a Jurema ou mesmo na Umbanda, as giras tinham muitas possibilidades de terminarem atrás das grades” (PORDEUS, 2002, p. 8).

O estabelecimento oficial da Umbanda no Ceará dá-se a partir de 1954, com a criação da Federação Cearense de Umbanda. Até essa data, as referências ao Catimbó no Ceará e, especificamente, em Fortaleza, são rarefeitas, mas persistentes, sobretudo na imprensa da capital. A corroborar a assertiva, a análise histórica de Araújo (2007, p. 235-249), sobre as classes populares em Fortaleza durante o Estado Novo, contempla a ação disciplinar das autoridades policiais na repressão aos chamados charlatanismos, práticas de desordem pública, onde o Catimbó aparece amiúde como sinônimo de feitiçaria.

Outro aspecto relevante a considerar diz respeito à cronologia das referências ao Catimbó em Fortaleza. Em justificativa à periodização adotada nesse trabalho, observa-se que a imprensa cearense não faz menção às práticas religiosas afro-brasileiras, com expressões como Catimbó, macumba ou feitiçarias até o final da década de 1920. Mesmo nos periódicos católicos, ao longo das décadas de 1910 e 1920, dá-se atenção repressiva ao Espiritismo, entendido na sua forma francesa, conforme organizado por Allan Kardec, com frequentes referências à França e Europa. Também a Maçonaria e até a Teosofia eram objetos da reação clerical (Cf. SILVA, 2009). Nem os jornais leigos mencionavam a questão, mas traziam, em geral, matérias de divulgação do Espiritismo.

Concretamente, tem-se no ano de 1929 um marco cronológico da presença midiática do Catimbó em Fortaleza, através do jornal *O Ceará*, seguido de outros como *O Povo* e *Gazeta de Notícias*. Assim é que o termo Catimbó e assemelhados passam a ser usados de forma rotineira para designar os praticantes de curas e outros serviços religiosos de caráter marginalizados, estigmatizados e sujeitos à condenação e repressão pelos discursos das elites intelectuais, autoridades públicas e setores religiosos.

O ano de 1937 como limite cronológico deste trabalho justifica-se em função das mudanças políticas no país e sua repercussão nas práticas de ordem social advindas da instalação do regime autoritário do Estado Novo. Até àquele momento as reportagens condenatórias aos catimbós ainda se tratavam de apelo às autoridades para implementação de políticas efetivas de combate - naquela fase não sistemáticas nem estruturadas - a essas práticas consideradas danosas à saúde e segurança públicas.

Há que considerar também que as denúncias aos catimbozeiros e macumbeiros atuantes nas periferias, morros e matas dos arredores da capital, partem de jornais leigos

que são ao mesmo tempo divulgadores assíduos do Espiritismo – e da Maçonaria, da Teosofia, do Estado laico – e que estão em permanente embate com o jornal católico *O Nordeste*, órgão ligado à Arquidiocese de Fortaleza, fundado em 1922.

INSTITUIÇÕES ESPÍRITAS CEARENSES FUNDADAS ENTRE 1897 E 1945*		
INSTITUIÇÃO	FUNDAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Grupo Espírita Fé e Caridade	1897	Fortaleza
Grupo Espírita Verdade e Luz	1901	Maranguape
Grupo Espírita Caridade e Luz	1902	Maranguape
Centro Espírita Cearense	19/06/1910	Fortaleza
Centro Espírita Dr. Dias da Cruz	05/08/1923	Iguatu
Centro Espírita Ismael Caridade e Luz	27/10/1926	Fortaleza
Grupo Espírita Vianna de Carvalho	1926	Fortaleza
Sociedade Espírita Fé, Esperança e Caridade	09/02/1927	Fortaleza
Grupo Espírita Auxiliadores dos Pobres	05/09/1928	Fortaleza
Grupo Espírita de Caridade Urubatan de Deus	05/12/1928	Fortaleza
Federação Espírita Cearense	17/05/1931	Fortaleza
Centro Espírita Amor e Caridade	16/04/1932	Fortaleza
Liga Espírita Leon Diniz Amor e Fraternidade	14/03/1933	Fortaleza
Grupo Espírita Allan Kardec Amor e Caridade	16/03/1933	Fortaleza
Centro Espírita Bezerra de Menezes	03/10/1933	Fortaleza
Centro Espírita Ao Caminho do Calvário	16/11/1933	Fortaleza
Grupo Espírita José Bonifácio Deus e Caridade	16/03/1934	Fortaleza
Centro Espírita Pedro o Apóstolo de Jesus	01/01/1935	Fortaleza
Centro Espírita Deus e Fé	18/05/1935	Fortaleza
Centro Espírita Jesus Nazareno	24/12/1935	Fortaleza
Centro Espírita Joana D’Arc	03/10/1938	Fortaleza
Centro Espírita Familiar Paulo Apóstolo	17/02/1939	Fortaleza
Confederação Espírita Cearense	06/08/1939	Fortaleza
Centro Espírita João Batista	17/03/1940	Fortaleza
Centro Espírita Camilo Flamarion	15/12/1940	Fortaleza
Centro Espírita Jesus Nosso Mestre	09/01/1941	Fortaleza
Centro Espírita União e Caridade Fco. de Assis	02/12/1941	Fortaleza
Centro Espírita “Os seguidores de Jesus”	22/03/1942	Fortaleza
Centro Esp. João Evangelista Amor e Caridade	22/07/1942	Fortaleza
Centro Espírita Jesus e sua Doutrina	02/04/1944	Fortaleza
Centro Espírita Mensageiros da Luz	1944	Maranguape
Centro Espírita Obreiros da Vida Eterna	1944	Maranguape
Centro Espírita Ubaldo Tonar	1945	Icó

(*) Esta relação não pretende ser completa, tendo em vista que diversas instituições espíritas não tiveram registros em cartório, ou o seu nome registrado, de alguma forma, na imprensa local. A dificuldade se torna ainda maior em relação ao interior do estado. (Fonte: SILVA, 2009, p. 321)

Empenham-se, os ditos jornais leigos, com frequência, em distinguir o verdadeiro Espiritismo – organizado, científico, cristão, praticado até por pessoas instruídas, autoridades... –, daquelas práticas denominadas de baixo-espiritismo, curandeirismo, charlatanismo, feitiçaria e Catimbó, no contexto das disputas de hegemonia com a imprensa católica numa fase que corresponde à expansão da criação de centros espíritas na capital. Conforme se pode ver no Quadro acima, a segunda metade da década de 1920 e a década de 1930, demonstram o crescimento do número de instituições espíritas na capital.

Contudo, o crescimento do número de centros espíritas na capital, no período, não deve significar que todos eram kardecistas. Sabe-se do seu caráter familiar e da variedade de práticas ditas espíritas, mas acrescidas de elementos do catolicismo e das tradições afro-indígenas, e que nem sempre apresentavam em suas denominações essas identidades, em parte no claro intuito de defender-se do estigma de catimbozeiros e macumbeiros.

Considerando-se que no Ceará não se terá a organização da Umbanda antes da década de 1950, essas práticas religiosas sincréticas que se definem como Catimbó, no Nordeste brasileiro, têm sua presença pública registrada no Ceará já partir do final da década de 1920, num contexto de disputas de hegemonia entre espíritas e católicos, de tal modo diferenciado do que ocorria no sudeste do país, onde o surgimento da Umbanda, desde os primeiros anos do século XX, a levava a uma aproximação legitimadora com o Espiritismo.

Nesse sentido, torna-se operativa certa apropriação do conceito de campo religioso de Bourdieu (2004) e suas inspirações na sociologia da religião de Weber (1999), no entendimento do processo concorrencial e legitimador desenvolvido pelos grupos e agentes religiosos, especialmente no tocante à oposição entre Igreja Católica e Espiritismo.

Uma aplicação desse quadro conceitual pode ser vista nas primeiras décadas do século XX, nas condições empíricas do contexto cearense, em Silva (2009):

As condições estruturais daquele campo religioso permitem reconfigurar historicamente - condição inerente à elaboração de *tipos ideais* - os elementos tipológicos weberianos (sacerdote/profeta/mago/leigos) à luz da dinâmica brasileira; de tal modo que, nesse campo religioso, numa face, dá-se a relação de “concorrência” entre ‘sacerdote’ (catolicismo) e ‘profeta/feiticeiro’ (espiritismo); na outra face, a das relações de “transação” entre os agentes “especializados” e os leigos, correspondendo às demandas

por legitimação (classes dominantes) e por salvação (classes dominadas). Assim, nessas relações objetivas de concorrência, o lugar do ‘profeta’- com seu “carisma” e nova proposição ético-religiosa num momento de “crise” (cientificismo, modernismo, moderno-espiritualismo) - era ocupado pelo corpo doutrinário e práticas kardecistas, conforme representado pelo discurso da burocracia sacerdotal católica. Já nas relações de transação, temos, de um lado, frações das classes dominantes ocupando espaços nas duas perspectivas religiosas, seja a legitimação da ordem pelo reforço do tradicionalismo católico, seja a legitimação pelo viés spiritista da fé racional, do progresso e da evolução moral; de outro lado, no seio das camadas populares cresce a demanda por bens de salvação por meio do espiritismo (recurso ao intercâmbio mediúnic), enquanto os adeptos do catolicismo se viam cada vez mais mobilizados e inseridos no movimento de afirmação da catolicidade nacional (“ressacralização”), promovido pela hierarquia católica. (SILVA, 2009, p. 125-126)

Desse modo, experimenta-se entender o Espiritismo no campo religioso como ocupando o lugar do “profeta” weberiano nas relações objetivas de concorrência com a Igreja Católica de tal modo que, no caso deste trabalho em que o elemento combatido era o Catimbó (feiticeiro), confirma-se também o trabalho espírita de combate às formas de magia como serviço sagrado particular ou, em último caso, seu difícil enquadramento ético. Ação dos espíritas cearenses era compatível com modo oscilante e polêmico com que as lideranças da Federação Espírita Brasileira se posicionaram, em 1926, frente às manifestações mediúnicas de “caboclos e africanos”², assim como diante das designações de “espíritas de Umbanda” ao longo do século XX. (Cf. AMORIN, 1993; ORTIZ, 1999).

Ou seja, tal proposição de uma despersonalização do “profeta” (emissário ou exemplar) da tipologia weberiana, caracterizando-o enquanto “revelação” (mensagem), se propõe a entendê-lo como capaz de propor uma revolução ética pela “crítica intelectualística de certas categorias de leigos” (BOURDIEU, 2004, p. 97), em direção a uma espiritualização, a uma religiosidade não ritual e mais afeita à síntese com a ciência. Aliás, como esclarece Miceli (2004, p. LVII): “Weber aproxima os profetas dos mestres intelectuais de salvação (os “gurus” indianos), dos reformadores sociais, dos moralistas

² Conferir Parecer do Conselho Federativo, da Federação Espírita Brasileira (FEB), de outubro de 1926, intitulado Caboclos e africanos, em Reformador, jul de 1950, p. 153-154.

filósofos, dos publicistas políticos, em suma de todos os portadores de contraletimidades...”.

É, portanto, nesse movimento pela afirmação e legitimação do Espiritismo como religião, inclusive cristã (GIUMBELLI, 1997), no enfrentamento aos ataques do catolicismo, maior detentor de capital religioso no interior do campo, que se dará através da imprensa local uma campanha sutil de distinção do Espiritismo em relação às práticas religiosas afro-brasileiras, especificamente o Catimbó, afirmando o lugar deste como magia ou feitiçaria digna de combate.

2. Catimbós, macumbas, pajelança versus Espiritismo, cristianismo, ciência

Em julho de 1929, o jornal *O Ceará* dá início, pioneiramente na imprensa cearense, a uma série de matérias que se estenderão até setembro daquele ano, combatendo com insistência, criatividade, humor, mas também com autoritarismo, preconceito e muito deboche com as práticas religiosas mais diversas dos grupos marginalizados e minorias, com destaque especial àqueles de raízes africanas e indígenas.

O citado periódico era propriedade de Júlio de Matos Ibiapina, professor do Colégio Militar, positivista convicto, maçom e anticlerical ativo que enfrentava diariamente a autoridade da Igreja e do arcebispo de Fortaleza, d. Manoel da Silva Gomes. Seu jornal era tribuna de defesa da Maçonaria e do Espiritismo. Este último tinha presença constante n’*O Ceará*, sempre apresentando positivamente.

Segundo Nobre (1974, p.140): “O aparecimento de *O CEARÁ*, dirigido pelo lutador J. Matos Ibiapina, preencheu uma lacuna na história do jornalismo cearense. Até 1925 [fundação], os jornais de nossa terra, davam invariavelmente, as suas edições de 4 páginas apenas”. E, segundo o *Almanaque do Ceará*, de 1958: “Coube a *O CEARÁ* a grande iniciativa que trouxe o progresso constante de nossa imprensa. Suas edições de 8, 12 e 16 páginas, contendo vasto noticiário, deram incentivo aos outros jornais que aos poucos foram imitando o colega vitorioso.” (Apud NOBRE, 1974, p.140).

Além de *O Ceará*, os periódicos a *Gazeta de Notícias* e *O Povo*, dentre outros serviam de espaço para a divulgação e defesa da doutrina de Allan Kardec em Fortaleza.

Por seu turno, a Igreja Católica desferia ataques diários ao Espiritismo através do jornal *O Nordeste*, fundado em 1922, “órgão genuinamente católico, amparado pela Arquidiocese de Fortaleza” (NOBRE, 1974, p.139), considerado também de grande porte, com moderno parque gráfico e renomado corpo editorial de intelectuais católicos. (CF. SILVA, 2015). Tais elementos referentes às condições materiais e técnicas da imprensa como fonte a ser historicizada, acrescidos das vinculações ideológicas desses suportes, expõem “as funções sociais desses impressos” (DE LUCA, 2008, p.132).

No dito mês inaugural da campanha contra os catimbozeiros, o periódico publica “OS CANDOMBLÉS DO MORRO DO MOINHO. Importante reportagem colhida por um nosso companheiro. ” (O Ceará, 26 de jun de 1929, p.5)³. O referido morro localizava-se à beira-mar de Fortaleza, nas proximidades do porto do Mucuripe. Com o subtítulo “Interessantes revelações”, a matéria mostra inicialmente um ambiente marcado pela desqualificação moral, pois o repórter estaria à procura de um acusado de roubo no porto. Lá encontra “seu Xavier” servindo a freguesia composta de “homens do mar e mulheres da vida alegre”, pessoas bêbadas “ao pé do balcão, cuspidno no chão”. Relata o diálogo de uma moradora, Jardilina, com sua amiga, sobre o seu companheiro Tanazio, que voltara para ela, tendo bastado “conversar” com dona Conceição, que “é mulher do baralho, da mandinga da pajelança. Tudo faz por dinheiro”. Jardilina, ressaltando os poderes de dona Conceição, afirma:

Isturdia (sic)... Uma pancada ouviu-se e um grito de dor. (...), O diálogo interrompido continuou: *Isturdia*, dona Conceição, por meio de uma vingança, quase que matava a Maria Caolha. Esta recebeu uma *difumação* de longe e amanheceu com um sapão deste tamanho dentro da rede, e, além de tudo, passou cinco dias sem comer e sem beber, de *estambo embriado* (sic). (O Ceará, 26 de jun de 1929, p.5. Grifos do autor)

A matéria relata ainda, dentre outros detalhes: “Foi um caso sério, prosseguiu a interlocutora. E desfiou um rosário extenso de *mandingas* e *pajelança* de vários *candomblés* existentes ali...” (O Ceará, 26 de jun de 1929, p. 5. Grifos do autor)

No dia seguinte, volta o *O Ceará* com outra matéria: “FORTALEZA ESTÁ CHEIA DE CATIMBÓS. Uma boa distração para a polícia seria persegui-los”. (O Ceará, 27 de jun de 1929, p. 3). Desta vez, o elemento de estranhamento e exotismo daquelas práticas torna-se caso de polícia. Logo nas primeiras linhas, a constatação de um absurdo: “Sobre outro assunto, não! Mas, em matéria de superstições, embustes e feitiçarias temos progredido consideravelmente”.

A matéria chama a atenção das autoridades policiais para “os vis exploradores da ignorância do povo” dos “subúrbios”. Volta a falar do Morro do Moinho, que continua fazendo vítimas pelo Catimbó. Acrescenta outra área suburbana da cidade, o Benfica, outro “foco catimbozeiro”, pertencente ao “velho alagoano de nome Antônio Luiza”.

³ Optou-se, neste trabalho, pela atualização ortográfica nos textos da imprensa, ressaltando-se a manutenção de alguns termos e expressões significativos para a análise.

Destaca “sessões” pela noite, “barulho dos diabos”, manifestação de “*espíritos malinos* (sic) ”.

Em finais de julho daquele ano, após outras matérias do gênero, o jornal traz outra reportagem onde seus enviados travam “*conchavo*” direto com as acusadas “macumbeiras”, com o título: “A PRAGA DE CATIMBÓS ATINGE PORANGABA (sic). O ‘material’ empregado para atrair as simpatias do ‘espírito do espaço’: areia de cemitério, vintém de defunto e olho de sapo queimado no enxofre.” (O Ceará, 21 de jul de 1929, p.4). Relatam que a 1ª Delegacia de Polícia da capital recebeu solicitação para averiguar “os catimbozeiros dos bairros Benfica, Damas e Porangaba, que estavam explorando a massa ignorante”.

Logo de início, o mesmo foi “avisado de que o *espírito do espaço* não atenderia o seu desejo pois a influência de um só *êmulos de satan* não era suficiente, era preciso maior numero...” E, “em nome dos *sete deuses da caverna* foram apresentadas mais três irmãs de profissão”. Leram as mãos do visitante e seu destino, mas “não adivinharam que era repórter e que ia denunciá-las”. Registram-se as palavras iniciais cantadas na sessão: “Meu pai é pomba / das onda do má.../ Aêruê, aêruá / Aêruá, aêruê”. (O Ceará, 21 de jul de 1929, p.4. Grifos do autor). Segundo o narrador, as “pythonisas” informaram o material para o “trabalho”, que deveria ser “comprado” pelo “paciente”: “areia do cemitério local, vintém que tenha sido de defunto, e olho de sogra queimado no enxofre”. Depois disso acertam o preço do trabalho, quando vão iniciar...

Desse modo, o jornal configura para o seu público leitor uma imagem bem detalhada das práticas que não poderiam ser classificadas como religião. Adjetivá-las como superstição, feitiçarias, macumbas, catimbós, praticadas por exploradores da ignorância do “povo”, com detalhes macabros, correspondia a uma estratégia de classificação que oportunizava diferenciá-los das consideradas legítimas práticas religiosas.

Em abril daquele ano, *O Ceará* havia trazido matéria de polêmica com os católicos em que o mote era espírito. Em “Coisas do Espiritismo” (O Ceará, 10 de abr. de 1929, p.8), republicam do “Folha do Norte” poema creditado ao poeta português Guerra Junqueiro que, “invocado”, “dá uns conselhos ao Papa”, através de um grupo espírito de Belém (PA).

Assim também haviam feito, em maio do ano anterior, com a publicação da matéria “Bispo que é favorável ao Espiritismo” (O Ceará, 12 de maio de 1928, 3), com a íntegra da Pastoral do bispo de Juiz de Fora, contendo ensino de tolerância com essa doutrina, exaltando os espíritas pela “fé em Deus, viva e ardente, um imenso amor pelo próximo, um sentimento de fraternidade. Que encontram de mal em tudo isso? Eu, pelo contrário, só encontro o bem”.

Em janeiro de 1930, o *Gazeta de Notícias*, periódico de propriedade do maçom e espírita Antonio Drumond e que tinha no também maçom e espírita, Teodoro Cabral, o mais importante redator e colunista, que assinava “Polibio”, apresenta artigo não assinado – é de se presumir que seja de Polibio –, intitulado “Santos e bruxos” (*Gazeta de Notícias*, 10 de jan de 1930, p. 8). Em texto opinativo, o autor afirma ser a feitiçaria uma “enfermidade psíquica, por vezes epidêmica, que há milhares de anos aguarda psicopatologos (sic) que lhe façam o diagnostico científico, psicoterapeutas que lhe descubram a medicação eficaz.” Considera a feitiçaria um fenômeno “que o espiritismo classifica de medianicos (sic)”. Ensina que esse fenômeno que está na mesma “natureza” da “taumaturgia dos santos e o endemoinhamento dos bruxos”. É a mesma força que pode ser canalizada para o “altruísmo” ou para o “egoísmo”. Em resumo, reconhece que “No Brasil a polícia reprime-a [a feitiçaria]. A medida é salutar mas não basta.”

Nessa perspectiva, as práticas de Catimbó, denominadas de feitiçaria, condenadas e reprimidas pela polícia na cidade de Fortaleza seriam, portanto, anormalidades mentais. E, assim, o Espiritismo aparece como escola científica, com autoridade e legitimidade, definindo e estudando fenômenos mentais, ao lado de outras “escolas psicológicas”.

Outro periódico que também se colocava com zelo no combate aos curandeiros da cidade, era o *O Povo*. Esse jornal, de propriedade do também maçom Demócrito Rocha, desde sua fundação, em 1928, defendeu a liberdade e igualdade religiosas e o Estado laico. Promoveu, por algum tempo, a divulgação das programações semanais religiosas das várias denominações na coluna “Vida Religiosa”, e travava embate permanente com o periódico católico *O Nordeste*.

Dentre as várias matérias que trataram do Espiritismo e das condenadas práticas denominadas indistintamente curandeirismo, macumbas ou catimbós, pode-se destacar algumas os anos de 1933 e 1934. Sintomaticamente, na pequena matéria “O Espiritismo e a Medicina”, estampa:

Rio, 28 AB – O Sindicato Médico enviou longo memoria à Inspetoria de Fiscalização do Exercício de Medicina, no sentido de fazer terminar o exercício ilegal da mesma por meio do *baixo-espiritismo*. O Ministro Bento de Faria, procurador geral da República, em parecer divulgado, e que foi anexo ao memorial da classe médica, diz que o espiritismo deve ser respeitado quando praticado em proveito da ciência e com fins reconhecidamente filantrópicos. (*O Povo*, 28 de nov de 1933, p.7).

Embora não fosse usual no Ceará daquele contexto, a expressão baixo-espiritismo aparecia no jornal como elemento de distinção do Espiritismo dito kardecista, “praticado em proveito da ciência e com fins reconhecidamente filantrópicos”. Já que as práticas de cura também eram condenadas porque se faziam em troca de pagamento.

Aproximadamente um mês após daquele informe, o jornal trazia a reportagem “Vítima de um curandeiro. O olho estourou e a ferida não sarou...”. (O Povo, 16 de dez de 1933, p.3). Caso de exercício ilegal de medicina na cidade de Cascavel, litoral leste do Ceará, em inquérito que corria na “Delegacia Auxiliar” da capital.

No ano seguinte o periódico trazia outra reportagem: “A macumba no Arraial Moura Brasil. Onze pessoas presas num catimbó. – Falando com a proprietária”. (O Povo, 20 de jun de 1934, p. 7). Localizado à beira-mar e ligado ao centro da capital, o Arraial Moura Brasil era a maior favela da cidade e vítima de constantes investidas das autoridades policiais, do discurso disciplinar e do moralismo das elites, tratando-o, no melhor dos termos, como “antro...”.

A reportagem começa afirmando: “O Arraial Moura Brasil está apresentando quasi (sic) todas as características da Favela carioca. Samba, bebedeiras, lutas, complicações e agora, para completar a equivalência, surge, com toda sua altivez pagã, a macumba, filha da ignorância e do desespero”. Relata a presença da polícia na casa de dona Maria de Holanda Alves, que “realizava animado catimbó” e, após o cerco, os guardas do destacamento daquele “bairro proletário”, solicitaram o apoio da Delegacia Auxiliar e “transportaram os onze macumbeiros e seus objetos para essa repartição policial”. Sobre “O Material apreendido”, narra o jornal:

As autoridades policiais conseguiram apreender em poder dos catimbozeiros dois bonecos do tamanho de um homem; um grande cachimbo no qual todos fumavam; um frasco com uma xaropada de ervas e outros *pequenos objetos pecaminosos* que os leigos no assunto não podem entender. (O Povo, 20 de jun de 1934, p. 7. Grifos nossos)

Observa-se que, neste caso como em alguns outros, reúnem-se os praticantes em danças, como a que os praticantes denominam, segundo a matéria, de “Quebra o coco”, e o uso de objetos diversos, como bonecos e xaropadas, o que indica possibilidade de práticas de cura física; ficando sem respostas os tais “pequenos objetos pecaminosos”. O que seriam? Estaria o repórter exagerando para dar mais cor ao seu relato, haja vista estar tratando de pessoas e grupos sociais já estigmatizados, com difíceis condições de defenderem-se perante a justiça? Seriam reais? Deixando a questão em suspense, com os “objetos” de tal modo adjetivados, reforçaria o caráter herético e perigoso de tais práticas.

3. “Estas mulheres vadias, além de catimbozeiras...”: Personagens, espaços e classificações

Uma característica comum aos discursos condenatórios aos catimbós, na imprensa fortalezense, é a vinculação entre as práticas religiosas condenáveis e sua localização geográfica na cidade, posição socioeconômica, caracteres raciais, profissão, além do destaque para o gênero.

No tocante à condição social encontra-se uma cuidadosa descrição dos tipos sociais com marcadas desqualificações dos praticantes. Cuidam de designar as áreas da cidade desvalorizadas, favelas e subúrbios como lócus dessas manifestações. Tratam-se de lugares como “morros”, “Arraial Moura Brasil”, “barreiros do Benfica”, “Volta da Jurema”, Arsenal de Marinha, lugares ermos, “viela de casaria sórdida”, “antros de intensa vagabundagem”, “casinha sórdida”. “São gritos apavorantes alta noite”, “vizinhança não pode dormir, zuada de latas velhas, assovios, silvos e tudo enfim que é horripilante e aterrorizador”. Nesse sentido é reveladora a percepção de Pesavento (2007, p.15), quando afirma: “A cidade é sempre um lugar no tempo, na medida em que é um espaço com reconhecimento e significação estabelecidos na temporalidade; ela é também um momento no espaço, pois expõe um tempo materializado em uma superfície dada”. Aqui, as classificações dos lugares, práticas e personagens catimbozeiros, para o historiador, revelam “um momento do espaço” urbano de Fortaleza, expõem um tempo materializado em sua tessitura, que se negara e ocultara da memória.

Quanto aos elementos de classificação prévia dos personagens, referências ao seu trabalho, costumes e condutas, aparecem logo no início do texto na já citada reportagem “OS CANDOMBLÉS DO MORRO DO MOINHO”, do jornal *O Ceará*. O jornalista está “à cata de um catraieiro conhecido” suspeito de roubo; lida com “homens do mar”; encontra um “marítimo”; um “senhor cafuzo”; “no balcão catraieiros, peixeiros, rameiras bebiam, fumavam e catavam”; “Vários assuntos e questões (...) tratavam-se ali, ao mesmo tempo, entre as pragas dos marinheiros e galhofada das odaliscas vadias.” (*O Ceará*, 26 de jun. de 1929, p.5).

Em “Catimbós no centro da cidade. E de mistura com as feitiçarias ‘otras cositas más’ ” (*O Ceará*, 7 de jul de 1929, p.3), fala-se: “Estas mulheres vadias, além de *catimbozeiras*, são conhecidas como duas refinadas e perigosas caftinas (sic)”, “feiteiras”, “fuzarqueiras”. Semanas depois, em “A praga dos catimbós em Fortaleza. Cenas inacreditáveis”, aparecem informações do tipo, “escândalos de mulheres que se dizem sob a influência de Nagôs, Echú, Egô e outros”, “catimbozeira conhecida com *Cigarreira*, ali nas imediações do Arsenal de Marinha” (*O Ceará*, 21 de jul de 1929, p.4. Grifos do autor).

Assim, nas diversas reportagens e noticiários dos citados periódicos estavam presentes elementos classificatórios como, mulheres de vida “airada”, “mestra de pajelança”, “macumbeira”, “pitonisas”, ocultista, “chantagista”. Homens e mulheres, moradores das ditas regiões da cidade e com tais condutas reprováveis pela ordem pública e pelo modelo civilizatório, eram adeptos de crenças consideradas primitivas, perigosas e condenáveis.

Essas designações ao Catimbó como magia, feitiçaria, ou exploração da “crendice popular”, cumpriam o papel de construção de uma identidade religiosa em negativo nas tensões do campo religioso local à medida que os distanciava das ditas verdadeiras religiões, onde a citada imprensa inseria qualificadamente o Espiritismo, por sua vez, em disputa também com a Igreja Católica e sua imprensa militante, no periódico *O Nordeste*, que lhe negava o estatuto de religião.

A persistência das camadas populares e marginalizadas em atenderem suas demandas por “bens de salvação” junto às práticas mágicas sincréticas, tensionavam o campo religioso no sentido de obrigar os grupos católicos e espiritas a definirem elementos de classificação/identificação religiosa junto aos “feiticeiros”, para assegurar o monopólio da dispensa dos bens de salvação num caso e, ao menos a legitimação social da nova religião no outro.

Em clara disputa pela hegemonia no campo religioso, as baterias católicas investiam contra o que doutrinariamente consideravam formas de magia, não fazendo distinções. Nesse caso, o Espiritismo passava a agregar todos os elementos negativos correspondentes. Assim, mantendo essa visão estratégica, a Igreja Católica, através do periódico *O Nordeste*, não faz nenhuma referência aos catimbós ou feiticeiros em caráter particular, porém os coloca de maneira geral na conta de Espiritismo.

Isso revela uma estratégia política e discursiva de não favorecer o adversário mais forte – os espiritas –, fazendo a propaganda de grupos menores e mais marginalizados – os catimbozeiros –, que já eram objeto de combate e classificação pelos espiritas. No ano de 1931, o referido periódico publica matéria não assinada, intitulada “O Espiritismo em foco”, onde logo nas primeiras linhas afirma:

A imprensa anuncia que vai ser iniciada uma campanha em favor do espiritismo em nossa capital. É preciso que todos tenham conhecimento do fato, para que se abstenham, em proveito individual, de participar dessa agitação reconhecida como deveras nociva à saúde psíquica. (*O Nordeste*, 26 de fev de 1931, p.5)

Em posição constrangedora nesse cenário de embates, o periódico católico se obriga a divulgar a campanha espírita que se prepara na capital, por parte da outra “imprensa” – o que confirma a divisão entre as elites letradas no tocante à religião –, investindo nesse ataque os recursos da medicina para destacar os males psíquicos advindos da prática espírita; não deixando de pontuar o pretense mal junto às “mentalidades fracas”, quando destaca: “Para as classes ignorantes, pode-se bem compreender o enorme perigo que representa a forte impressão causada pelo espiritismo prático que leva tantas mentalidades fracas a graves distúrbios da razão.” (O Nordeste, 26 de fev de 1931, p.5).

Considerações finais

Essa postura do grupo católico diante da presença dos espíritas na cidade é mais que reveladora dos embates desenvolvidos em todo o Brasil, naquele período, além de apontar para a clara divisão das elites letradas atuantes na imprensa cearense, no que tocava à liberdade e igualdade religiosas advindas com a República. Pelo exposto nota-se boa parcela da “imprensa” cearense compondo com o Espiritismo. E este grupo, por sua vez, num processo de autolegitimação iniciado nos anos finais do século XIX, encarava as manifestações religiosas de matriz afro-brasileiras como uma problemática a mais a tensionar seu lugar nas disputas do campo religioso brasileiro em formação.

Assim, a presença das manifestações do Catimbó ou suas variantes denominadas de macumbas, feitiçarias, pajelanças tornaram-se objeto de condenações e classificações marcadas pelo viés da marginalização social, da estigmatização das condutas, da discriminação espacial de suas moradias no cenário urbano de Fortaleza, assim como, essencialmente, sua exterminação enquanto serviço religioso autônomo e livre dos cânones, das racionalidades e da burocratização das religiões estabelecidas. Mais uma vez, a força da magia e a atuação do feiticeiro, fizeram arremataram-se as baterias do sacerdócio organizado, ou dos profetas na nova ética.

Nesse quadro de concorrências, tanto a Igreja Católica, por seus ataques genéricos às distas feitiçarias, quanto o Espiritismo, beneficiado por sutis ou explícitas práticas discursivas nos espaços da imprensa local - conforme demonstrado -, compuseram um trabalho não combinado de destruição seletiva das manifestações sincréticas da religiosidade afro-brasileira mais característica do Nordeste, a vertente do Catimbó em terras cearenses.

As batalhas midiáticas contra a “praga” dos catimbós, levadas a efeito pela imprensa leiga favorável ao Espiritismo e opositora da Igreja Católica, colaboraram num processo de extermínio cultural e apagamento histórico do Catimbó no Ceará, que

repercutirá positivamente na luta purista pela legitimação do Espiritismo como religião cristã, racional e científica.

Fontes

A PRAGA DE CATIMBÓS ATINGE PORANGABA. O ‘material’ empregado para atrair as simpatias do ‘espírito do espaço’: areia de cemitério, vintém de defunto e olho de sapo queimado no enxofre. *O Ceará*, Fortaleza, 21 de jul de 1929, p.4.

A PRAGA DOS CATIMBÓS EM FORTALEZA. Cenas Inacreditáveis. *O Ceará*, Fortaleza, 25 de nov de 1929, p.4.

A MACUMBA NO ARRAIAL MOURA BRASIL. Onze pessoas presas num catimbó. – Falando com a proprietária. *O Povo*, Fortaleza, 20 de jun de 1934, p. 7.

BISPO QUE É FAVORÁVEL AO ESPIRITISMO. *O Ceará*, Fortaleza, 12 de maio de 1928, p.3.

CABOCLOS E AFRICANOS, *Reformador*, Rio de Janeiro, jul de 1950, p. 153-154.

CATIMBÓS NO CENTRO DA CIDADE. E de mistura com as feitiçarias “outras cositas más”. *O Ceará*, Fortaleza, 7 de jul de 1929, p.3.

COISAS DO ESPIRITISMO. *O Ceará*, Fortaleza, 10 de abr de 1929, p.8.

FORTALEZA ESTÁ CHEIA DE CATIMBÓS. Uma boa distração para a polícia seria persegui-los. *O Ceará*, Fortaleza, 27 de jun de 1929, p. 3.

O ESPIRITISMO E A MEDICINA. *O Povo*, Fortaleza, 28 de nov de 1933, p.7.

O ESPIRITISMO EM FOCO. *O Nordeste*, Fortaleza, 26 de fev de 1931, p.5.

OS CANDOMBLÉS DO MORRO DO MOINHO. Importante reportagem colhida por um nosso companheiro. *O Ceará*, Fortaleza, 26 de jun de 1929, p.5.

SANTOS E BRUXOS. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 10 de jan de 1930, p. 8.

VÍTIMA DE UM CURANDEIRO. O olho estourou e a ferida não sarou... *O Povo*, Fortaleza, 16 de dez de 1933, p.3.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Mãos negras, mentes gregas: as narrativas de Luís da Câmara Cascudo sobre as religiões afro-brasileiras. *Revista Esboços*. Florianópolis. Vol.17, N° 23, pp. 9-30, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2010v17n23p9/17576> Acesso em: 10 set. 2016

AMORIM, Deolindo. *Africanismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: Edições CELD, [1947] 1993.

ARAÚJO, Erick Assis de. *Nos Labirintos da Cidade: Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza*. Fortaleza: INESP, 2007.

- ASSUNÇÃO, Luís. Cultura popular e religiosidade: o catimbó nordestino. In: 10º CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE. *Anais eletrônicos...* São Luís, MA, 2004. Disponível em: <http://www.cmfolclore.ufma.br/arquivos/166f6d0bb752dcccdf20f0b181481660.pdf>
Acesso em: 18 out 2016
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 27-98.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Meleagro. Pesquisa do Catimbó e notas da magia branca no Brasil*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, [1951]1978.
_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10ª ed., Rio de Janeiro: Ediouro, [1954] 1999.
- DE LUCA, Tânia Regina. Fontes impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos Mortos. Uma história da Condenação e Legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- GONÇALVES, Antônio Giovanni Boaes. Catimbó, umbanda e candomblé: o campo religioso afro-brasileiro em João Pessoa. SIMPÓSIOS DA ABHR. *Anais eletrônicos...* São Luís, MA, 2012. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/issue/view/9/showToc> Acesso em: 18 out 2016
- MICELI, Sergio. Introdução: A força do sentido. In: BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. VII-LXI.
- MOTTA, Roberto. Candomblé, xangô, catimbó: transe de êxtase e transe de possessão no nordeste do Brasil. In: ISAIA, Artur Cesar (Org.) *Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea*. Uberlândia: EDUFU, 2006, p.99-114.
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro. Umbanda e sociedade brasileira*. Editora Brasiliense: 1999.
- PESAVENTO, Sandra. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. vol.27 no.53 São Paulo. Jan./June 2007, p. 11-23.
- PORDEUS JUNIOR, Ismael. *Umbanda: Ceará em transe*. Fortaleza: Museu do Ceará /Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.
- RATTS, Alex. *Traços étnicos: Espacialidades e culturas negras e indígenas*. Fortaleza: Museu do Ceará /Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2009.
- SALLES, Sandro Guimarães de. O catimbó nordestino: as mesas de cura de ontem e de hoje. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap*. Ano IX, n. 2 - jul./dez. p. 85-105, 2010. Disponível em:

<http://www.unicap.br/revistas/teologia/arquivo/teologia%202010%202.pdf> Acesso em: 10 ago 2016.

SILVA, Marcos J. D. Catolicismo e Espiritismo: dimensão conflituosa do campo religioso cearense na Primeira República. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá: UEM/GT-ANPUH, Ano II, n. 4, maio 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf3/texto6.pdf> Acesso em: 18 out. 2016

_____. *Moderno-espiritualismo e espaço público republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará*. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

_____. Do espiritococus à fábrica de loucos: o espiritismo sob a retórica da aniquilação na imprensa católica cearense. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* 7.13 (2015): 95-117. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/130/pdf>

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília (DF): Editora UnB.v.2, 1999.